

A Consciência
Claudio C. Conti
<http://ccconti.vilabol.com.br>
Rio de Janeiro

A consciência, segundo o dicionário, seria um “atributo altamente desenvolvido na espécie humana e que se define por uma oposição básica: é o atributo pelo qual o homem toma em relação ao mundo (e, posteriormente, em relação aos chamados estados interiores, subjetivos) aquela distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração”¹.

Jung diz que “Por consciência entendo a relação de conteúdos psíquicos com o ego, desde que essa relação seja percebida pelo ego. Relações com o ego não percebidas como tais são inconscientes. A consciência é a função da atividade que mantém a relação de conteúdos psíquicos com o ego”².

Baseando-se nas definições acima, poder-se-ia dizer que a consciência não seria uma “coisa” definida, mas um atributo, uma função, uma característica ou propriedade de algo em particular. Este atributo ou função, portanto, é que nos cabe analisar.

Na tentativa de formar uma idéia lógica sobre a estrutura do psiquismo em geral, que inclui a consciência, vários pontos serão considerados:

1. O TEMPO

Muito já foi dito sobre o tempo. Pensadores de todas as épocas meditaram sobre o significado e, até mesmo, a essência do tempo.

Mas afinal, o que é o tempo?

É interessante esta questão, pois, quando ninguém pergunta, tem-se a impressão de saber exatamente seu significado. Contudo, quando se quer explicar a alguém, até a si próprio, a idéia foge da mente.

Mas afinal, o que é o tempo?

Sempre se ouviu que o tempo é dividido em passado, presente e futuro. Mas afinal, qual a duração do tempo presente?

Talvez um ano, isso mesmo, o ano corrente. Porém, sempre se ouve falar do mês passado e do mês que vem. Então, um ano é muito tempo para ser o presente.

Talvez um mês, isso mesmo, talvez o mês corrente seja o presente. Porém, sempre se ouve falar da semana passada e da semana que vem. Então, um mês é muito tempo para ser o presente.

Talvez uma semana, isso mesmo, talvez a semana corrente seja o presente. Porém, sempre se ouve falar de ontem e do amanhã. Então, uma semana é muito tempo para ser o presente.

Talvez um dia, uma hora, um minuto, um segundo, um décimo de segundo, um centésimo de segundo, um milésimo de segundo...

Não importa o intervalo de tempo considerado, sempre haverá uma fração deste intervalo que possa corresponder ao tempo presente.

Talvez, se possa dizer que o presente não seja nada além da linha divisória, a fronteira entre o passado e o futuro, como apresentado na Figura 1.

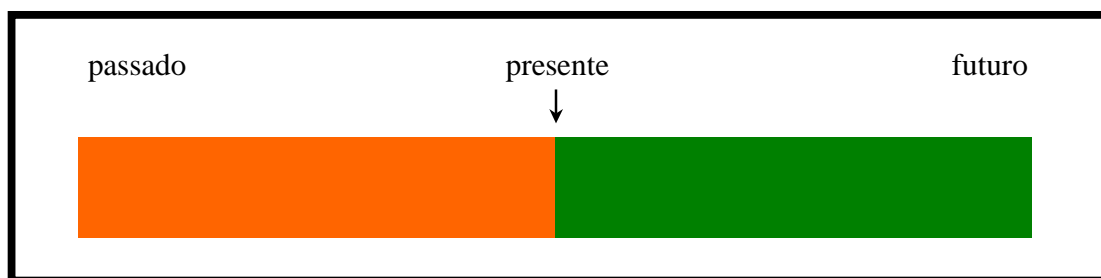


Figura 1. Representação da relação passado-presente-futuro.

Todavia, apesar da aparente solução do problema, resta ainda uma questão a ser respondida: Se o passado já não existe mais e o futuro ainda está por vir, isto é, também não existe, o presente seria o limite entre duas “coisas” que não existem. Portanto, o presente também não existiria.

Resta, então, a questão: O que é o tempo?

Esta brilhante abordagem de análise do tempo foi realizada pelo filósofo, teólogo e bispo católico do século IV conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho (354-430)³.

Muito ainda pode ser dito sobre o tempo, contudo ainda não existe informação suficiente para uma definição precisa. Os cientistas se referem ao tempo com afirmações do tipo “Do passado fixo ao presente tangível e ao futuro indeterminado, é como se o tempo fluísse inexoravelmente. Mas essa é apenas uma ilusão.”⁴; “Para sermos perfeitamente honestos, precisamos admitir que tanto cientistas como filósofos não sabem ao certo o que é o tempo, ou por que ele existe”⁴; “Assim, muitos físicos recorrem a uma ajuda pouco comum em tempos atuais: os filósofos.”⁵

Stephen Hawking, em seu livro *O Universo numa Casca de Noz*, analisando a Teoria da Relatividade elaborada por Albert Einstein, diz que “Isso (com relação a Teoria da Relatividade) exigia o abandono da idéia de que existe uma quantidade universal chamada tempo que todos os relógios mediriam. Ao contrário, cada um teria seu tempo pessoal...”⁶.

O que poderia significar e quais as conseqüências de um tempo pessoal para cada indivíduo?

Em primeiro lugar, a conotação muda completamente de sentido. Com cada qual tendo um tempo diferente, um grupo de pessoas, não importando a quantidade, podendo até se composto de todos os habitantes do planeta, estariam em condições de uma experiência temporal em comum quando seus tempos pessoais forem iguais, estando, desta forma, aptos a interagirem entre si.

Vale ressaltar que não estamos falando em fuso horário, inclusive pessoas dentro do mesmo fuso teriam tempos pessoais.

2. O PENSAMENTO

A ação do pensamento em sua totalidade ainda é desconhecida pela ciência acadêmica, no entanto, o espírito André Luis apresenta o enorme potencial do pensamento; diz que os planetas, as galáxias, enfim, o universo como um todo é gerado pela ação do pensamento de espíritos de ordem muito elevada sobre o fluido cósmico. Em suas próprias palavras: “Toda essa riqueza de plasmagem, nas linhas da Criação, ergue-se à base de corpúsculos sob irradiação da mente, corpúsculos e irradiações que, no estado atual dos nossos conhecimentos, embora estejamos fora do plano físico, não podemos definir em sua multiplicidade e configuração...”⁷.

Esta nova visão sobre o surgimento do universo propicia uma maior compreensão dos fenômenos observados, conduzindo ao esclarecimento de vários paradoxos que atualmente permeiam algumas das teorias científicas vigentes, além de apresentar a vantagem de não contrariá-las.

Atualmente, para a criação do universo, é aceita a teoria Big-Bang. Segundo esta teoria, toda a matéria existente no universo estava condensada em um ponto e que, em determinado momento, explodiu. A matéria se expandiu e deu surgimento tanto ao espaço quanto ao próprio tempo. A expansão decorrente da explosão conduziu a aglomeração da matéria, dando surgimento a todas as estruturas celestes.

Portanto, pode-se considerar que naquele “ponto” considerado pela ciência concentrava-se o pensamento dos espíritos citados por André Luis, imprimindo as leis físicas que regeriam a matéria neste universo considerado. A expansão destas leis, no que dizem ter havido uma explosão, ao permear o fluido cósmico, promove o seu aglutinamento, formando as estruturas celestes segundo as leis pré-determinadas.

Em consonância com a abordagem de André Luis está uma vertente de pensamento dentre os cientistas, analisando alguns fenômenos da Física Quântica, que vislumbra a idéia de que existe a ação do pensamento sobre a constituição e construção da matéria, presidindo, inclusive, os fenômenos físicos. Um representante desta nova abordagem sobre o universo é o físico Amit Goswami com seu livro sugestivamente intitulado “O Universo Autoconsciente – Como a Consciência Cria o Mundo Material”⁸.

3. A PSIQUE

Carl Gustav Jung, considerado o Pai da Psicologia Analítica, ao longo de seu trabalho, identificou três regiões na psique humana, denominadas de: consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

Em linhas gerais e muito resumidamente, sob uma abordagem espírita, poder-se-ia dizer que o consciente seria a região de acesso direto pelo espírito enquanto encarnado e em estado de vigília, isto é, o material que permearia o cérebro, tendo condições de ser reconhecido e analisado, podendo ser explicado e equacionado racionalmente pelo indivíduo; e no inconsciente pessoal estariam armazenados os acontecimentos que não permaneceram no consciente.

O inconsciente coletivo, também sob uma abordagem espírita, seria a região da psique onde ficariam armazenadas todas as experiências vivenciadas pelo espírito imortal durante sua caminhada evolutiva, isto é, tanto suas vivências em encarnações anteriores a atual quanto durante os períodos na erraticidade.

Se por um lado Jung define o inconsciente coletivo como de natureza universal⁹, portanto comum a todos, por outro lado diz que, quando conscientizado, seus conteúdos assumem matizes que variam de acordo com a consciência em que se manifesta¹⁰. Nota-se, portanto, a impossibilidade de se confirmar a equivalência destes conteúdos que se apresentam em diferentes pessoas.

A semelhança não significa igualdade, pois experiências vivenciadas por duas ou mais pessoas terão repercussões diferentes em cada uma. Assim, sob uma ótica reencarnacionista, é possível analisar a questão dos conteúdos do inconsciente coletivo como não sendo influenciado pela consciência, como afirmou Jung, mas sendo realmente como surgem, diferindo as ocorrências vivenciadas pelos diferentes indivíduos em vidas anteriores. Contudo, espera-se que a repercussão no espírito de fatos passados dependerá de sua condição evolutiva no momento específico.¹¹

O espírito Joanna de Ângelis diz que “A visão espírita, porém, a respeito de um arquivo extra cerebral, formado por uma maquinaria energética centrada no Espírito, cujo campo de informações é infinito, torna-se muito mais factível e racional...”¹²

Em outras palavras, pode-se imaginar a psique como uma esfera energética formada pelas aquisições do espírito ao longo de sua existência, caracterizando, assim, sua individualidade. Esta esfera seria de dimensão equivalente ao nível evolutivo e nela existiriam alguns pontos que causariam perturbação no campo devido às más tendências, sentimentos menos nobres e atos indevidos que, como perturbam o campo, promovem um desequilíbrio.

Quando em estado de harmonia, como no caso dos espíritos evoluídos, o campo energético estará completamente homogêneo, onde todas as experiências negativas já se encontram inteiramente depuradas, embora a lembrança permaneça, não são mais motivos de aflições, pois estaria em equilíbrio com o campo.

A Figura 2 apresenta a psique segundo uma visão transpessoal e energética da psique.

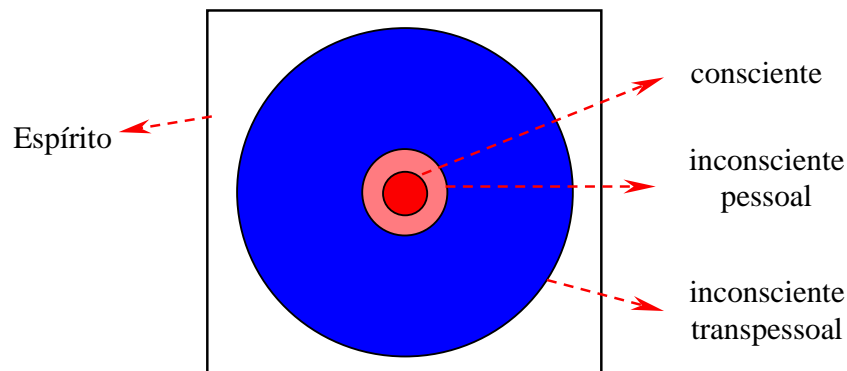


Figura 2. A psique

4. O ESPÍRITO

O espírito criado é capaz, com o poder mental, apenas de criações temporárias, utilizando o fluido em seus diversos graus de densidade, criações estas cujas dimensões e duração dependerá exclusivamente do seu nível evolutivo. Contudo, Deus, sendo “a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas” (O Livro dos Espíritos¹³, questão 1), é capaz de criar em toda a pujança, obras que transcendem ao tempo, das características materiais do fluido cósmico, é criado o princípio material e das características outras, é criado o princípio inteligente, isto é, Espíritos imortais, seus filhos.⁹

Além da origem, O Livro dos Espíritos traz, ainda, muitas outras informações sobre as características ou propriedades dos espíritos.

Na questão 32, por exemplo, tem-se que “Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas, cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.”; Na questão 89(a), tem-se que “Quando o

pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”; Na questão 242, tem-se que “O passado, quando com ele nos ocupamos, é presente. Verifica-se então, precisamente, o que se passa contigo quando recordas qualquer coisa que te impressionou no curso do teu exílio. Simplesmente, como já nenhum véu material nos tolda a inteligência, lembramo-nos mesmo daquilo que se te apagou da memória...”; e na questão 243, tem-se, com relação a possibilidade de ver o futuro, que “Ainda isto depende da elevação que tenham conquistado. Muitas vezes, apenas o entrevêm ... Quando o vêem, parece-lhes presente. À medida que se aproxima de Deus, tanto mais claramente o Espírito descortina o futuro. Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista suas passadas migrações, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Para que tal aconteça, preciso é que, ao cabo de múltiplas existências, se haja integrado nele.”

Pelas respostas fornecidas pela espiritualidade responsáveis pela Codificação n’O Livro dos Espíritos pode-se observar uma relação muito subjetiva do espírito com o tempo, passando uma idéia de que o passado, o presente e o futuro estão, ou melhor, são interligados pelo pensamento dos espíritos.

5. O MEDO

Analisando a humanidade de uma forma geral, obviamente que existem as exceções, o grande medo, causador dos mais diversos traumas, ainda é a morte, ou desencarnação na linguagem espírita. Falar sobre morte é um assunto que causa consternação ou será que a consternação não seja causada pelo assunto em si, mas como reação pessoal ao tema?

Estudando a Doutrina em profundidade é possível perceber o quanto é completa em vários aspectos. Uma doutrina para ser completa deve nortear os seus adeptos em todos os sentidos da vida, pela expressão “em todos os sentidos da vida” está incluída, é claro, a morte. A morte faz parte da vida, convive-se com ela diariamente, seja com os que são caros, seja com desconhecidos e, eventualmente, com o próprio indivíduo.

Existem tantas escolas, universidades, cursos, preparando as crianças e jovens para a vida, mas será que são adequadamente preparados para a morte? Se assim fosse, com certeza, não se presenciaria, nos funerais, os familiares em desespero, revoltados, apegando-se ao corpo como se fosse possível não deixa-lo ir.

É comum ouvir falar que as crianças devem ser criadas para o mundo quando, na verdade, elas devem ser criadas para uma jornada evolutiva que vai muito além deste mundo. Pois, todos são seres em evolução, vencendo obstáculos e cumprindo jornadas. Cada jornada que termina significa que uma outra estará apenas começando.

A morte ainda causa horror e medo na esmagadora maioria dos corações humanos; poucos são aqueles capazes de lidar naturalmente com a morte alheia e, em menor número, com o próprio momento da partida. Não basta o conhecimento e aceitação da continuidade da existência no pós-morte, é necessário alcançar a paz interior, que pode ser atingido com estudo, meditação sobre o conteúdo deste estudo e, mas que tudo, ter fé.

A verdadeira fé não é aquela que diz “eu creio”, mas a que diz “eu sei”.

Estes momentos traumatizantes ficam congelados na mente, vivenciando constantemente as aflições, esquecendo-se da resignação de que o momento da morte chegou e/ou perdoar aqueles que infligiram o sofrimento que culminou no fim da vida orgânica.

A Doutrina Espírita explica como ocorre a desencarnação e o destino deste momento em diante. Explica que a forma como ocorrerá e o que acontecerá depois dependerá apenas do próprio indivíduo que é o criador do seu futuro e do seu presente e, por que não dizer, do seu passado.

6. A ESTRUTURA

O paradigma reinante sobre a realidade da vida causa muitos problemas de entendimento e, com isso, transtornos mentais e desvios comportamentais, conduzindo a uma inversão de valores que, por sua vez, acarreta um sem número de desarmonias.

A questão da bondade Divina fica obscurecida por tantas mazelas que assolam a humanidade moderna, não sendo capaz de discernir entre fé e fanatismo; conduta adequada e conduta permitida; o bem e o mal; o certo e o errado. A permissividade com que o indivíduo se habitua conduz a perda da noção do limite, trazendo efeitos negativos tanto a si mesmo quanto aos que o cercam, sem se aperceberem do fato.

Inclusive no meio espírita ainda se encontram jargões como “causa e efeito” ou “ação e reação”, jargões estes que eram aceitáveis no passado devido à limitada informação disponível. Atualmente, após tanto estudo e tantas contribuições de importantes autores espirituais, esta idéia não deveria ser mais disseminadas de forma tão punitiva e determinista. A intenção com que os atos são praticados é que vai repercutir no próprio indivíduo. “Mente e efeito” descreve mais acertadamente que o padrão mental do espírito, quando este promove a ação, é que contribuirá para o seu estado de harmonia ou desarmonia e, por que não dizer, da “realidade física”.

Diante do exposto, torna-se possível uma nova proposta para a estrutura da psique que abarcará alguns dos paradoxos atualmente existentes no campo da Física, da terapia e do entendimento do ser humano como um ser integral.

A psique seria formada por vários núcleos consciente-inconsciente além, é claro, do campo morfológico base. Cada núcleo corresponderia a cada uma das existências, ou encarnações, com seus respectivos conteúdos e, também, vivenciando cada existência na sua época de ocorrência. Cada um teria não apenas o seu tempo pessoal, mas diferentes tempos para cada núcleo consciente-inconsciente.

Portanto, as diferentes encarnações não ocorreriam uma após a outra, mas antes simultaneamente, persistindo sua existência devido à recorrência da condição mental ou psíquica decorrente dos traumas ocorridos durante a encarnação em questão.

A elevação ocorrerá quando o espírito, adequando seu padrão mental para condições mais elevadas, “vencer” o ciclo decorrente de uma mente em desalinhado, isto é, decorrente do não entendimento do real significado da sua existência como espírito imortal. O aprendizado da relação mente e efeito o tornará apto para granjear novo ciclo de aprendizado, onde aguardam novas informações e relações mento-físico.

A Figura 3 apresenta de forma esquemática a estrutura proposta para a psique.

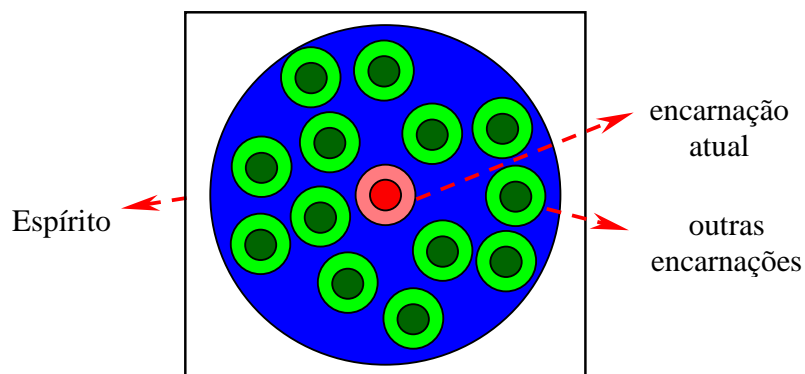


Figura 3. Proposta sobre a estrutura da psique.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A estrutura da psique é extremamente complexa e seus processos ainda desconhecidos, contudo, isto não deve inviabilizar qualquer tentativa da sua compreensão.

A evolução do espírito trará, forçosamente, a necessidade de procedimentos terapêuticos mais adequados para sua nova condição, que deverá apresentar problemas mais complexos e, conseqüentemente, necessitará de tratamentos mais direcionados.

O futuro deverá requerer terapias mais instrutivas, mais esclarecedoras sobre a realidade do espírito, pois somente o entendimento propiciará a “cura” das mazelas. Abordando o foco do distúrbio mais direta e conscientemente, o que somente será possível através do aprimoramento do conhecimento da real necessidade psíquica, assim o êxito do tratamento será mais rápido e eficiente.

As conseqüências desta abordagem deverá ser objeto de estudo aprofundado a ser apresentado em trabalho futuro.

Bibliografia

- [1] Dicionário Aurélio.
- [2] C. G. Jung; Tipos Psicológicos
- [3] Santo Agostinho; Confissões, livro XI, cap. 14 e 15.
- [4] Paul Davies; Esse Fluxo Misterioso, Scientific American Brasil, Outubro, 2002.
- [5] George Musser; Um Buraco no Coração da Física, Scientific American Brasil, Outubro, 2002.
- [6] Stephen Hawking; O Universo numa Casca de Noz, Editora Mandarim, 2001, pg. 9.
- [7] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15ª edição, FEB, 1997, cap. I.
- [8] Amit Goswami; O Universo Autoconsciente – Como a Consciência Cria o Mundo Material, Editora Rosa dos Ventos, 4ª Edição, 2001.
- [9] C. G. Jung; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; 2ª edição, Editora Vozes, 2002, pg. 15.
- [10] Idem, pg. 17.
- [11] Cláudio C. Conti, A Psique, <http://ccconti.vilabol.com.br>
- [12] Joanna de Ângelis (Psicografia de Divaldo Franco); Triunfo Pessoal; 1ª edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002, pg. 23.
- [13] Cláudio C. Conti, Criação do Espírito, <http://ccconti.vilabol.com.br>
- [14] A. Kardec; “O Livro dos Espíritos”; 76ª edição, FEB, 1995.

Texto originalmente publicado na Revista Internacional de Espiritismo – RIE / março de 2008